

AÇÃO EDUCOMUNICATIVA E A LUTA ANTIRRACISTA DE DOCENTES NEGROS A PARTIR DA MÍDIA WEB RADIO

EDUCATIONAL COMMUNICATIVE ACTION AND THE ANTI-RACIST STRUGGLE OF BLACK
TEACHERS THROUGH THE WEB RADIO MEDIA

 Cintia dos Santos^A

 Graziela de Fátima Giacomazzo^B

^A Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, SC, Brasil

^B Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, Brasil

Recebido em: 24 fev 2023 | Aceito em: 10 out 2023

Correspondência: Graziela Fátima Giacomazzo (gfg@unesc.net)

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado, que buscou responder a seguinte problemática: Como a mídia web rádio, enquanto ação educ comunicativa, contribui na luta antirracista dos docentes negros a partir do programa Protagonistas Sem Fronteiras? As opções metodológicas foram a abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, documental e do tipo netnográfica, sendo o referencial teórico constituído principalmente por intelectuais negros, como Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes e Silvio Almeida. A investigação partiu da análise de cinco (5) programas realizados na mídia web rádio. Com a participação de professores negros atuantes nas práticas pedagógicas antirracistas. A pesquisa evidenciou que embora existam professores negros e não negros atuantes no cumprimento da Lei nº 10.639/03, a inserção das práticas pedagógicas antirracistas no cotidiano educacional precisa ser ampla e contínua. Sendo assim, concluiu-se com este estudo que a educomunicação, quando também é antirracista, desempenha um papel relevante nesse processo a partir da mídia web rádio. A intervenção social, na perspectiva educ comunicativa, em seus diversos aspectos, também precisa ter como foco a educação antirracista e/ou a educação para as relações étnico-raciais, o que pressupõe a continuidade dos estudos nesta área de conhecimento.

Palavras-chave: Racismo Estrutural; Educomunicação; Antirracismo; Web Rádio; Docentes Negros

Abstract

This article presents the results of a master's research, which sought to answer the following problem: How does the web radio media, as an educ communicative action, contribute to the anti-racist struggle of black teachers from the Protagonistas Sem Fronteiras? The methodological options were a qualitative, descriptive-exploratory, documental and netnographic approach, with the theoretical framework consisting mainly of black intellectuals, such as Djamila Ribeiro, Nilma Lino Gomes and Silvio Almeida. The investigation started from the analysis of five (5) programs carried out in the radio web media. with the participation of black teachers active in anti-racist pedagogical practices. The research showed that although there are black and non-black teachers working in compliance with Law nº 10.639/03, the insertion of anti-racist pedagogical practices in the educational routine needs to be broad and continuous. Therefore, it was concluded from this study that educ communication, when it is also anti-racist, plays a relevant role in this process from the web radio media. Social intervention, in the educ communicative perspective, in its



various aspects, also needs to focus on anti-racist education and/or education for ethnic-racial relations, which presupposes the continuity of studies in this area of knowledge.

Keywords: Structural Racism; Educommunication; Antiracism; Web radio; Black Teachers.

Introdução

O Programa Protagonistas Sem Fronteiras é um projeto idealizado pela professora negra Cintia dos Santos, a partir do convite recebido de um entusiasta do rádio amador para a apresentação de um programa na sua rádio em 2018. O convite foi aceito e impulsionado pelas angústias oriundas das suas experiências com a comunicação que perpassou seu caminho a partir do movimento sindical, da ausência de espaços na área da comunicação para a luta antirracista e a possibilidade de elaborar um projeto cujo objetivo estaria voltado para a educação das relações étnico-raciais.

Para a Associação Brasileira de Rádio e TV,

Para ser executado, todo serviço de radiodifusão precisa antes ser outorgado pelo Ministério das Comunicações e depois autorizado a fazer o uso do espectro radioelétrico, pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel). Só assim a rádio estará apta a funcionar de forma legal. De outro modo, estará exercendo atividades de forma ilícita, ao não pagar as taxas pertinentes a este tipo de serviço, cometendo assim crime de ordem fazendária, ao desenvolver atividade clandestina e utilizar o espectro radioelétrico sem autorização (ABERT, 2010).

O programa Protagonistas Sem Fronteiras seguiu no rádio amador por aproximadamente 6 meses, chegando ao modelo das webs rádio somente em 2019. Com a ajuda de um técnico experiente em web rádio, nasceu a web rádio Santa Luzia, que já surge como um projeto de comunicação alternativa pensado para a educação, para os movimentos sociais e democráticos.

Com a transmissão via internet, novas exigências passaram a fazer parte do cotidiano da idealizadora. Ou seja, “a educomunicação – enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente” (SOARES, 2017, p. 496). O conhecimento empírico, fruto da participação ativa nos movimentos sociais, ganhou novos significados com os estudos no mestrado, especialmente a partir do conceito de educomunicação. Nesse sentido, a apropriação do conhecimento científico tem possibilitado ao programa um ecossistema educacional dinâmico, envolvendo grupos de WhatsApp do movimento negro, na sua maioria constituídos por educadores e os Núcleos de Pesquisa Afro-brasileiro e Indígena das Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), intitulado: NEABs – nossos Quilombos nas Universidades. O programa também possibilitou a inserção da web rádio Santa Luzia pelo edital de extensão, intitulado Plataformas Digitais e Colaboração Cidadã na Web Rádio Santa Luzia. A ação extensionista envolveu a escola de ensino fundamental Amaro João Batista, a Unidade Básica de Saúde do bairro Nova Esperança e a web rádio.

O planejamento do programa gera uma rede de conexões interativas e colaborativas nesta web rádio. Esse processo ocasiona a participação de diversas pessoas e mobiliza a comunidade negra, principalmente por meio das redes sociais. Além disso, o programa é entendido a partir de um processo dialógico, educativo, antirracista e multiparticipativo que transita inclusive nos temas transversais. Está intimamente ligado ao espaço escolar por meio da participação dos professores, que abordam as suas experiências em sala de aula. O professor participante tem a oportunidade de compartilhar o seu conhecimento e se sentir parte dessa experimentação virtual. Esse processo de interação possibilita ao educador a utilização dos recursos digitais a partir de uma perspectiva que vai além da instrumentalização. Ao se ver protagonista da sua própria história, o professor negro também incentiva a participação de outros professores no programa, estimulando a valorização das práticas pedagógicas antirracistas para que outros se apropriem delas no seu cotidiano, impactando na sua própria autoestima.

O professor não negro ao participar do programa com a temática antirracista incentiva a reflexão sobre a importância da ampliação dessa discussão com a branquitude e da compreensão de que somente em conjunto o combate ao racismo pode ser efetivo.

O programa Protagonistas Sem Fronteiras é o elo de conexão entre todos os envolvidos, incluindo os ouvintes. Conforme Soares (2011, p. 44), o ecossistema educacional persegue o “ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, considerando, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias”. A idealizadora e apresentadora cumpre um papel de gerenciamento entre a organização, planejamento e participação dos convidados, provocando esse professor ou professora a pensar na sua prática pedagógica antirracista em sala de aula, de forma didática para a compreensão do ouvinte. No ecossistema do programa Protagonistas Sem Fronteiras, fazem parte, além dos professores, militantes do movimento negro, ativistas ambientais, coordenadores de projetos sociais, lideranças comunitárias e ouvintes que estão envolvidos na luta direta. Mas o foco da atuação

é a valorização daquilo que está sendo realizado pelos professores na luta antirracista. Pois, “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens”. (FREIRE, 1987, p. 50).

Com isso, entendemos que este programa se preocupa desde a sua formação com o compartilhamento dos diferentes saberes dos participantes, por meio de uma ação comunicativa e antirracista, num processo coletivo, democrático e colaborativo.

Sendo assim apresentamos neste artigo os resultados de uma pesquisa realizada no Curso acadêmico de Mestrado em Educação da UNESCO, cujo a análise se concentrou no Programa Protagonistas Sem Fronteiras da Web Rádio Santa Luzia, enquanto ação comunicativa antirracista. Essa pesquisa situa-se na abordagem qualitativa, de caráter descritivo-exploratório, documental e do tipo etnográfica. A análise foi realizada nos programas apresentados e gravados entre os anos de 2019 a 2021 na web rádio Santa Luzia. A pesquisa analisou cinco (5) programas, com a participação dos educadores negros e as suas práticas antirracistas. Os programas foram analisados em ordem cronológica e estão armazenados no drive da web rádio. Por se tratar de uma pesquisa extensa selecionamos para este artigo três (3) programas: Programa 1: Práticas Pedagógicas Antirracistas na Educação Infantil; Programa 2: Projeto de Pesquisa e Extensão: Direitos Humanos e Epistemologias Negras em Movimento: Saberes Partilhados, Formação e Lutas Pela Cidadania; Programa 3: Lançamento do livro Antonieta de Barros da escritora Jeruse Romão, cujo os temas estão diretamente ligados a proposta deste dossiê, para apresentarmos um recorte do processo de análise, com intuito de exemplificar a ação comunicativa antirracista do programa Protagonistas Sem Fronteiras.

Ação Comunicativa e Antirracista na Web Rádio Santa Luzia: Revisitando a participação dos professores negros

“O direito de fala, a redução do silenciamento e a invisibilidade da população negra passam, necessariamente, pela apropriação dos meios de comunicação. Neste sentido “a reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando

“pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz,
elas estão reivindicando o direito à própria vida”

(RIBEIRO, 2017, p. 45).

Programa 1: Práticas Pedagógicas Antirracistas na Educação Infantil

O tema abordado no Programa 01 girou em torno das práticas pedagógicas antirracistas desenvolvidas pela professora Ivina Jacinto Fidelis em sala de aula, e a sua intervenção antirracista nas reuniões pedagógicas, participações em eventos sobre a temática afro-brasileira, cultura, confecção de bonecas e personagens negros para a contação de histórias. Este programa está dividido em três blocos: apresentação da professora Ivina, que expressa o racismo estrutural na sua constituição enquanto mulher negra, professora e atuante na luta antirracista em sala de aula e a prática pedagógica antirracista na educação infantil e nas séries iniciais. No segundo bloco, o papel da mídia tradicional e o processo de manipulação no fortalecimento da ideologia racista. No terceiro bloco, a importância do programa Protagonistas Sem Fronteiras nesse contexto.

Quadro 1 – Apresentação do participante do programa 1

<p>Convidada: Professora Ivina Jacinto Fidelis, pedagoga na educação infantil e séries iniciais da rede municipal de Criciúma/SC. E já foi integrante do Coletivo Chega de Racismo. Tema: Práticas Pedagógicas Antirracistas na Educação Infantil Data: 17/08/19 Tempo: 1h e 24 minutos Gravação depositada no repositório/drive de Cintia dos Santos não disponível ao público</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

A professora Ivina Jacinto Fidelis inicia falando,

Professora Ivina J. Fidelis – As pessoas me conhecem e a Cintia também, nós somos assim, trabalhamos muito junto na luta do Coletivo Chega de Racismo e é enfrentamento sim. Estou trabalhando no meu chão de sala, de outra forma, para que os movimentos sociais não tenham tanto trabalho, porque o meu aluno vai saber se defender e não vai ter tanta, tanta desigualdade. Se eu fizer a minha parte na sala de aula, o meu aluno não vai precisar e esses movimentos negros não vão ter tanto trabalho. O meu aluno vai saber se defender.

A professora relata já no início as suas angústias como ex-militante do movimento negro para tentar amenizar o trabalho dos ativistas, e a sua tomada de decisão em permanecer somente no chão de sala com a prática pedagógica antirracista, são evidências do peso que é atuar em diversas frentes. Ou seja, quando falamos de racismo estrutural, estamos nos referindo a esse cotidiano da população negra que, para enfrentar as agressões racistas naturalizadas pela sociedade brasileira, precisa fazer parte de organizações e movimentos

antirracistas para enfrentar o dia a dia. No entanto, o querer fazer mais a coloca numa situação contraditória entre a luta organizada no movimento negro ou o trabalho individual na sala de aula. Entendemos que ambos fazem parte da militância negra, principalmente das mulheres, o que os difere é a frente de atuação.

Destacamos em negrito a argumentação da professora e o seu olhar diferenciado para o aluno negro desde a educação infantil. Essa preocupação reflete o quanto os primeiros anos escolares são importantes no entendimento do racismo estrutural e a escola faz parte, reforçando estereótipos, a rejeição da identidade africana e afro-brasileira e oportunizando aos estudantes somente o ponto de vista do colonizador. Nesse sentido, a representatividade negra na figura do professor “serve para dismantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidade” (ALMEIDA, 2018, p. 84).

Outro componente do racismo estrutural é o papel da mídia manipuladora e fortalecedora da ideologia racista, também aparece no diálogo com a professora. Conforme Freire (1977, p. 51), “a manipulação contradiz, frontalmente, a afirmação do homem como sujeito, que só pode ser a de que, engajando-se na ação transformadora da realidade, opta e decide”.

Professora Ivina j. Fidelis – Eu fiz uma dança no ano passado com o 2º ano e foi difícil porque era sobre o Rei Leão. Era uma dança africana, mas tu vais trazer uma África pobre? Não! A minha África era linda, era brilho, era pluma, era riqueza... fazendo as crianças conhecerem a África, mas não a pobre? A mídia mostra uma África pobre tá, a África é o berço da humanidade. De que forma professora? E aí começamos tudo até a matemática. Daí a criança não bota mais uma saia ela bota uma capulana, vamos trabalhar o vocabulário africano que tanto é falado, mas a gente não sabe que é da África.

A imagem do continente pobre, marginalizado, o tráfico de drogas nas comunidades periféricas e a associação dos negros ao ruim, ao feio, é a imagem transmitida pelos meios de comunicação tradicionais. A desconstrução dessa realidade passa pelo estudo de que existe outro lado da história africana e do processo de escravização que ocorreu no Brasil. Essa socialização através da web rádio, de outra perspectiva em sala de aula, e em espaços educacionais como o programa Protagonistas Sem Fronteiras, contribuem com o rompimento desse círculo vicioso. Com isso,

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que – no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP – designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os segmentos (SOARES, 2017, p. 144).

A educomunicação antirracista se enfrenta com a imagem distorcida da população negra e o continente africano, apresentados pela mídia tradicional. O professor antirracista compreende a necessidade da ampliação dessa luta no cotidiano escolar e nos demais espaços educacionais, e essa ação precisa de uma atuação global de todos os sujeitos envolvidos nas comunidades escolares. A figura do professor negro como protagonista do processo é inestimável, mas o combate efetivo contra o racismo também precisa dos não negros. Essa coletividade é importante para a luta antirracista nos espaços educacionais. Mesmo com a conquista da Lei nº 10.639/03, observa-se, na fala da professora, que o material pedagógico voltado para a representatividade negra ainda é escasso.

No último bloco do programa, a professora Ivina faz referência à importância do programa *enquanto* lugar de fala, interação e educomunicação antirracista.

Professora Ivina J. Fidelis – Primeiramente Cintia queria agradecer! É importante que a gente tenha esses espaços, porque as pessoas só nos conhecem quando a gente tem esses espaços para estar mostrando o nosso trabalho. Esse trabalho eu já faço a bastante tempo, mas faço no meu chão de sala. É o meu dia a dia, estou conhecendo uma nova paixão que são os bonecos, não coloco nas redes sociais, mas vou começar a colocar. Eu disse para a minha filha ainda hoje, eu vou começar a mostrar! Porque isso a gente faz e vai despertando o outro a fazer também, porque se eu faço o outro também pode. Então é muito importante! Eu gostaria muito de agradecer, se precisar estamos à disposição para vir, venho mesmo sem problemas tá! E a gente está aqui para contribuir e que as pessoas se encorajam, vão procurar, temos bastante material e é só começar a se apaixonar pela África, porque eu sou apaixonada e todo mundo se apaixona porque é um povo, um continente onde tem tudo, da matemática ao bem viver.

Essa acolhida ao Eu-Tua se dá a partir da troca de saberes entre ambas as participantes do programa numa condição de igualdade, sem uma hierarquia, mas a partir de um diálogo que transcende o espaço físico com a utilização da internet. Vale ressaltar que, neste momento da participação da professora Ivina no programa, ainda não existia por parte da apresentadora o conhecimento teórico sobre a educomunicação. Mas,

Diante de uma mídia que se sente livre para produzir e divulgar o que convém ao tipo de relação que mantém com o mercado, a educação se previne e cria programas de análise crítica das mensagens em circulação; por sua vez, a comunicação, desobrigada do ensino formal, não se furta em conduzir a formação de hábitos e valores de seus públicos, através do entretenimento e de uma publicidade especificamente dirigida ao segmento infanto-juvenil, em outras palavras, os campos da comunicação e da educação, simultaneamente e cada um a seu modo, educam e comunicam. (SOARES, 2017, p. 195).

Quanto à questão antirracista do programa, a professora Ivina apresenta nos seus argumentos a importância de um espaço pensado para as questões étnico-raciais, no sentido

de incentivar a realização das práticas pedagógicas antirracistas para outros, sejam eles professores ou não, em espaços formais de educação ou não. Conforme Ribeiro (2017, p. 8),

A questão é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente – a inação contribui para perpetuar a opressão.

A pauta antirracista é entendida como uma ação de enfrentamento ao racismo estrutural que sufoca as periferias, em particular a negritude que é protagonista da sua própria história, situação visível na argumentação da professora, onde destacamos em negrito.

Programa 2: Projeto de Pesquisa e Extensão: Direitos Humanos e Epistemologias Negras em Movimento: Saberes Partilhados, Formação e Lutas Pela Cidadania.

O programa número 02 ocorreu em plena pandemia da Covid-19, cuja situação impedia o contato presencial. O WhatsApp foi o instrumento de mediação entre a apresentadora e as participantes. Nesse programa, a principal abordagem se concentrou no feminismo negro, na importância do movimento negro para as lutas na academia e a importância dos projetos de extensão enquanto prática pedagógica antirracista, socializada no programa Protagonistas Sem Fronteiras. Nas categorias analisadas, destacamos o racismo estrutural sob o viés da exploração e discriminação da mulher negra, a educação antirracista que se constitui no projeto de extensão do Núcleo de Estudos em Gênero e Raça (N.E.G.R.A) com o movimento negro e a articulação educacional e antirracista do programa Protagonistas Sem Fronteiras.

Quadro 2: Apresentação de participante do programa 2

<p>Convidadas: Professora Dra. Fernanda da Silva Lima, Professora Iara Odila Nunes, Acadêmicas: Maria Eduarda D. Chagas e Tatiane Beretta</p> <p>Tema: Projeto de Pesquisa e Extensão: Direitos Humanos e Epistemologias Negras em Movimento: saberes partilhados, formação e lutas pela cidadania</p> <p>Data: 09/05/20</p> <p>Duração: 2h</p> <p>Disponível: Repositório, drive da web rádio Santa Luzia. Não disponível ao público.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras

O tema abordado neste programa foi uma indicação de pauta da professora Dra. Lucy Ostetto, membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão N.E.G.R.A. A iniciativa da professora revela uma intencionalidade das participantes do grupo de pesquisa em levar o tema do projeto ao Programa Protagonistas Sem Fronteiras. A solicitação da professora também

aponta que o programa é uma referência para a discussão da temática antirracista que ocorre nos espaços educacionais. “A educomunicação fala de relacionamento, de liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se de forma crítica anti ao individualismo, a manipulação e a competição”. (SOARES, 2017, p. 1482).

De acordo com a primeira participante:

A professora Dra. Fernanda S. Lima – A proposta do grupo é discutir as relações raciais e como o racismo está estruturado na sociedade brasileira, mas segue inclusive moldando a condição de vida da população negra no Brasil enquanto estrutura. Porque a gente entende o racismo como estrutural e também temos a preocupação quanto às relações de gênero, pensando principalmente na condição das mulheres negras na sociedade e o quanto elas acabam sendo afetadas pelo racismo, pelo sexismo, pelo classismo. E aí a gente entende que existem opressões que são múltiplas.

As mulheres negras constituem a base da educação antirracista desde o seio familiar, são as principais agentes na aplicação das práticas pedagógicas antirracistas nas escolas e são a maioria das participantes do Programa Protagonistas Sem Fronteiras. O ambiente universitário e os enfrentamentos dos acadêmicos negros são romantizados a ponto de a sociedade entender que as conquistas dessa população devem ser acompanhadas de muito sofrimento.

[...] casos de pessoas negras que enfrentam grandes dificuldades para obter um diploma ou passar em um concurso público são romantizados. Entretanto, ainda que seja bastante admirável que pessoas consigam superar grandes obstáculos, naturalizar essas violências e usá-las como exemplos que justifiquem estruturas desiguais é não só cruel, como também uma inversão de valores. (RIBEIRO, 2017, p. 24).

Ao ser levado a público pelo Núcleo de pesquisa N.E.G.R.A, o debate desperta uma reflexão nos participantes, sobre as fragilidades emocionais e estruturais das mulheres negras, invisibilizadas nos diversos espaços sociais. Essas violências variam desde a rotulagem de mulheres fortes, mulheres que sentem menos dores, número de estupros ou a própria condição de sofrimento para a aquisição de um diploma universitário como regra. “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo, quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (SOUZA, 1983, p. 17).

O papel do movimento negro, como entidade educadora das questões étnico-raciais e das práticas pedagógicas antirracistas, fez parte do programa por meio da discussão feminista e interseccional tão necessária para as mulheres negras.

Conforme,

A professora Dra. Fernanda S. Lima– *O movimento interseccional que é cunhado pelas mulheres feministas negras. Ele tem dado algumas respostas para a gente inclusive fraturar a narrativa com o feminismo tradicional que se constitui como um feminismo branco e que muitas vezes ignora as demandas que vêm das mulheres negras. A gente vai perceber que no Brasil as mulheres negras em lutas coletivas se unem basicamente a partir da década de 80. Foram feitos vários movimentos de encontros de mulheres negras ao longo dessas décadas e hoje a gente tem vários coletivos que se juntam dentro de uma perspectiva que a gente conhece como novos movimentos sociais. Mas também temos coletivos que vêm da internet, das youtubers que os autores e autoras têm considerado como novíssimos.*

Fazendo referência ao processo de organização das mulheres negras sob o viés interseccional, a Profa. traz à tona a importância desse diferencial dentro do movimento feminista, cuja influência também inclui o ambiente universitário. Nesse sentido, é importante localizar na história o papel preponderante que as mulheres negras tiveram na organização e protagonismo do feminismo negro. Para Gomes (2017, p. 129), essa organização “é capaz de suscitar um tipo de subjetividade desestabilizadora que desvie do conformismo perante o racismo para a subversão, superação do mesmo e para construção de políticas radicais de igualdade racial”. Essa subversão fortalece as mulheres negras a partir de iniciativas como a do núcleo de pesquisa, corroborando no enfrentamento das adversidades estruturais que o racismo impõe nos espaços acadêmicos.

O diálogo no programa também apontou a importância da família na construção de referências antirracistas com a participação da acadêmica de Psicologia Maria Eduarda D. Chagas. Para ela, o movimento negro, a importância da família, diga-se: as mulheres negras, aliada ao projeto de extensão universitária, foi um diferencial.

Acadêmica de psicologia Maria Eduarda D. Chagas– *Então a Entidade Negra Bastiana (ENEB) que é o movimento que a gente faz as trocas, é um movimento composto por mulheres da minha família em grande parte. Então está nas minhas raízes e na minha vida há muito mais tempo do que eu estou na academia, porém antes disso eu não tinha muito contato. Por isso, foi muito importante para mim quando a gente iniciou o projeto, conversar e fazer a troca com as mulheres do ENEB por ser algo tão familiar. Aprendemos muito com o movimento, tanto quanto com os estudos acadêmicos. Me elevou como mulher, como mulher negra, em questões de experiências e de falas, de romper silêncios [...] foi um espaço até mesmo terapêutico porque a gente compartilhou as nossas dores também, então a gente fez algumas curas coletivas.*

A acadêmica revela que o aprendizado experimentado proporcionou uma relação diferenciada sobre o conhecimento acumulado nas lutas. Ela também reafirma o quanto as mulheres negras têm um papel preponderante na estrutura familiar quando a discussão é antirracista. A partir do projeto de extensão, a acadêmica rompe o distanciamento com a militância no movimento negro ENEB. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram” (RIBEIRO, 2017, p. 33).

Já para a acadêmica de história Tatiane Beretta, a experiência com o grupo de pesquisa foi reveladora para a sua condição de mulher branca, o que evidencia o quanto uma prática pedagógica antirracista pode ser transformadora para os não negros.

Acadêmica de história Tatiane Beretta – [...] o que me motivou, o que me levou a este projeto de pesquisa, foi realmente a busca de compreender e compreender o meu lugar no mundo. Quando eu tive o meu primeiro contato com a questão das mulheres negras, e das questões decoloniais, eu comecei a compreender algumas questões básicas. Passei a me enxergar como uma mulher branca que entende os seus privilégios. E isso só veio por conta da pesquisa.

Reconhecer essa estruturalidade do racismo é um passo importante para a branquitude, pois essa tomada de consciência não emerge naturalmente. “O racismo foi inventado pela branquitude, que como criadora deve se responsabilizar por ele. Para além de se entender como privilegiado, o branco deve ter atitudes antirracistas. Não se trata de se sentir culpado por ser branco: a questão é se responsabilizar”. (RIBEIRO, 2017, p. 18). Ou seja, é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista. O que nos diferencia é a busca constante por práticas que promovam mudanças no nosso cotidiano. “Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação. Dessa forma, se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar”. (RIBEIRO, 2017, p. 18).

O programa encerrou com a participação da professora graduada em História, Iara Odila Nunes, representante da entidade ENEB.

Professora de história Iara Odila Nunes – É sempre importante esse contato da academia com a militância. O movimento negro fazendo as suas ações e em contato com as pesquisas que estão sendo feitas dentro da UNESCO. Então para nós enquanto grupo, enquanto entidade, enquanto mulheres negras é muito importante. Eu acredito que a gente está contribuindo com a pesquisa, as meninas são muito parceiras, e o trabalho que elas estão desenvolvendo é muito bom. É importante elas terem este olhar para a militância do movimento negro e a importância das mulheres negras dentro do movimento negro. [...] quando nos convidam a participar desse trabalho junto com elas é a valorização daquilo que acontece na nossa militância. E a experiência, acredito que para elas também tenha sido muito rica.

O papel dos espaços educacionais é o de libertação desses silenciamentos que foram produzidos nas diversas instituições que encarceram o pensamento da mulher negra desde a infância. A troca coletiva, quando é consciente, rompe com esse *status quo* estabelecido pelo racismo estrutural. Dessa forma, o espaço educacional do Programa Protagonistas Sem Fronteiras corrobora com o fortalecimento da liberdade de expressão, da democratização da comunicação e da participação dessas mulheres como parte atuante do processo de libertação frente ao silenciamento. O programa representa um espaço de compartilhamento e de aprendizagem para a aplicação das práticas pedagógicas antirracistas para uma coletividade.

A Profa. Iara Odila Nunes finalizou a sua participação enaltecendo a importância do espaço de discussão no programa Protagonistas Sem Fronteiras.

[...] é muito importante termos este espaço Cintia, nessa mídia alternativa que nós estamos tendo. Eu agradeço muito esse teu programa porque está abrindo portas para muitas pessoas aprenderem, conhecerem, para a gente poder dialogar, discutir e é isso que importa neste momento. É importante dizer que o teu programa está contribuindo muito para toda a comunidade e para todos terem acesso ao conhecimento que as outras mídias não nos proporcionam. Então meus parabéns e nós ficamos à disposição para quando precisarem para a gente poder estar fazendo essa troca novamente.

Trazer o que representa esse espaço educucomunicativo na web rádio Santa Luzia a partir do olhar da Profa. Iara, educadora, antirracista e ativista do movimento negro, é compreender que precisamos de oportunidades para falar e romper com o silenciamento imposto pela sociedade racista. A crítica às mídias tradicionais demonstra que o caminho para a democratização da comunicação, enquanto um direito humano universal, é longo. Logo, o programa Protagonistas Sem Fronteiras do dia 09 de maio de 2020, traz elementos educucomunicativos mais organizados e uma troca de saberes fraterna entre as participantes. “No mundo do ciberespaço onde as culturas diversas se encontram, dialogam e possibilitam trocas comunicativas intensas, a cibercultura representa um espaço de relações sociais reais, cercadas de afetividade e reflexibilidade” (LOSSO; SARTORI, 2011, p. 105). Esse espaço educucomunicativo e antirracista é importante para os invisibilizados, em especial para as mulheres negras, pois, “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades”. (RIBEIRO, 2017, p. 71). E a valorização, o reconhecimento dos trabalhos e pesquisas sobre a temática antirracista desenvolvidos nos espaços educacionais são uma necessidade e um estímulo para resultados práticos, principalmente para as envolvidas nesse tipo de projeto.

Programa 04 - Lançamento do livro Antonieta de Barros da escritora Jeruse Romão

No programa 04, o tema abordado foi o livro *Antonieta de Barros*, da professora e escritora Jeruse Romão. Embora o tema central seja o lançamento do livro, várias categorias da nossa pesquisa aparecem entrelaçadas, sendo assim, apresentamos a descrição dos trechos que fazem referência à luta antirracista com foco na educação. Destacamos a relevância do trabalho e das ações da própria Antonieta para a política educacional catarinense, frente ao

racismo estrutural e a importância do programa Protagonistas Sem Fronteiras enquanto fomentador das práticas pedagógicas antirracistas a partir da literatura negra local.

Quadro 3 – Apresentação de participante do programa 4

Tema: Lançamento do livro: Antonieta de Barros
(Sugestão de pauta da professora Iara Odila Nunes).
Participante: Professora, pedagoga, mestra em educação e escritora, Jeruse Romão.
Data: 22/05/21
Duração: 1h e 59 minutos
Disponível: Programa Protagonistas Sem Fronteiras disponível no *spotify*: <https://spotify.link/5XWDzst4cEb>

Fonte: Elaborado pelas autoras

O diálogo começa com a apresentação realizada pela professora Jeruse Romão, que tem vários significados para a educação pública catarinense, no que diz respeito à visibilidade e representatividade das personalidades negras neste território e a importância dessa militância nos diversos espaços que ocupamos.

Escritora Jeruse Romão – Eu comecei no movimento negro em 1923, eu era muito jovem, tenho 60 anos então é um bom tempo de militância. Sou filha de uma professora e a minha mãe também foi professora do chamado mobral. Na época que ela foi professora do mobral eu tinha entre 08 e 09 anos de idade e não tinha esse problema de violência contra a mulher que ocorre hoje quando a gente tem que sair à noite, ou quando uma filha da gente sai à noite e a gente alerta sobre todos os cuidados que ela deve ter fisicamente. Na época da minha mãe era outro tipo de violência, era um conteúdo moral sobre mulheres que circulavam à noite sozinhas, e o mobral era de noite. Então ela sempre me levava junto com ela à noite no percurso da ida e da vinda. Então eu costumava dizer que o magistério entrou em mim acompanhando a minha mãe nas aulas noturnas no mobral. E isso tem muito a ver com a história das professoras negras do Brasil e de SC, e tudo a ver com a Antonieta de Barros também. Eu consigo entender porque minha mãe decidiu homenagear uma das filhas com o nome da Antonieta de Barros, que era uma referência extremamente preciosa para as professoras negras da época dela. Eu me formei no curso de magistério e no curso de pedagogia, por coincidência ou não, no mesmo prédio em que Antonieta de Barros foi diretora do Instituto Estadual de Educação, estagiei na escola Antonieta de Barros, então assim a minha vida caminha muito com ela.

A escritora Jeruse fez um paralelo entre a sua vida no movimento negro, a educação e a trajetória de Antonieta de Barros. Essa apresentação traz fortes elementos de uma vida cunhada na luta desde o seio familiar, o contato com o magistério enquanto criança, até a sua inserção no parlamento, na UNESCO e na sua participação na elaboração de políticas afirmativas para a população negra e indígena no Brasil. Jeruse Romão é umas das grandes referências no movimento negro catarinense, é muito conhecida entre os negros e negras na militância.

O livro Africanidades Catarinenses é o quinto da coleção, A África Está em Nós, que também foi coordenado por ela. A coleção está disponível em diversas bibliotecas da rede

pública estadual de Santa Catarina, mas mesmo estando ao alcance dos professores, não significa uma efetiva aplicação da Lei nº 10.639/03, o que denuncia a falta de comprometimento com as políticas afirmativas. Ou seja, apesar de o livro *Africanidades Catarinenses* estar em várias bibliotecas das escolas públicas desde 2010, não existe uma política de reconhecimento e valorização desse trabalho por parte do Governo do Estado de Santa Catarina. A exemplo da própria Antonieta de Barros que apenas teve a sua trajetória reconhecida quando os nossos se propuseram a dar visibilidade. Já no contexto educacional e antirracista do programa Protagonistas Sem Fronteiras, a participação da professora e escritora Jeruse Romão expõe as fragilidades da implantação da Lei nº 10.639/03 em nosso estado.

A apresentadora interage afirmando:

Cintia dos Santos – Antes da Lei 10.639 a principal queixa era a falta do material pedagógico, felizmente após a lei e a gente cobrando muito a sua aplicação, hoje nós temos uma gama de referências muito importantes nessa área de combate antirracista que estão à disposição de professores e professoras que queiram realmente estar abordando estes conteúdos na sala de aula.

Uma reflexão significativa sobre o importante papel que cumpre a Lei nº 10.639/03 nos dias atuais. A valorização das políticas afirmativas implantadas no Brasil hoje é de responsabilidade da negritude, o que não isenta o poder público de proporcionar a ampliação dessa valorização, incentivando as coordenadorias regionais a realizarem cursos de formação para a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), desenvolvendo políticas públicas de valorização dos profissionais que desempenham um trabalho diferenciado no campo da pedagogia antirracista e fomentando projetos que tenham objetivos antirracistas. Nem só de críticas vivemos na atualidade, é relevante considerar os avanços conquistados, entre eles a Lei nº 10.639/03.

Na sequência, a apresentadora aborda questões relativas ao processo de produção e elaboração do livro.

Cintia dos Santos– Bom, Jeruse já entendemos o quanto a Antonieta de Barros está ligada à sua história, mas eu queria que você conversasse um pouquinho com a gente sobre o que a inspirou além da questão familiar, na escrita do livro Antonieta de Barros?

Escritora Jeruse Romão– Eu entrei no teu programa e estava tocando samba, então eu lembrei do samba do Jorge Aragão que diz: Nós podemos sorrir, que nada nos impede, que dá para sentir a nossa coisa de pele e que nós sabemos que nem tudo que é bom vem de fora. Foi um samba que eu escutei muito, exatamente para poder dizer pra quem acha que está adotando a perspectiva decolonial ou descolonial, que precisa avançar muito mais do que isso, porque para ser decolonial é preciso olhar para SC. Eu costumo dizer que a biografia da Antonieta de Barros é incontornável,

you cannot tell the history of education, of women and of feminism of SC, without talking about the journalist, the first Black writer, the first Black deputy of Brazil, the first Black woman deputy of SC, the first Black woman deputy of the South of Brazil. I went researching America Latina and USA, she was the first in all these spaces too. We are not talking about any biography! Possibly if Antonieta had been born in another country that valued her trajectory, people could have already incorporated her places of reference, without needing to make these affirmations from time to time.

A trajetória de Antonieta de Barros na política, no jornalismo e na educação não é explorada nos bancos escolares do nosso estado. É desconhecida mesmo entre nós professores negros. Somos bombardeados incessantemente por informações carregadas de um conteúdo ideológico racista, que obscurece a atuação significativa das pessoas negras, seja no território nacional, ou local, como no caso de Santa Catarina. Embora estejamos cientes dessa covardia diária que é o racismo estrutural e embebidos desse tipo de conteúdo, o programa Protagonista Sem Fronteiras, ao abordar esse olhar decolonial, é um despertar do engessamento ao qual estamos submetidos.

Contudo, é importante localizar que o programa aconteceu após um recente processo eleitoral em 2020. Nesse pleito eleitoral, as candidatas negras eleitas vereadoras, tanto em Santa Catarina quanto no Brasil, passaram por situações de perseguição e ameaças. Essa conjuntura política também fez parte do diálogo.

Apresentadora Cintia dos Santos –Professora Jeruse, a gente pode dizer que a Antonieta de Barros era uma mulher além do seu tempo? Eu fico me questionando, com todas as dificuldades que temos hoje não conseguimos eleger uma segunda deputada negra, nem prefeitas e com muita dificuldade para eleger vereadoras aqui ou ali. E com tudo o que aconteceu no ano passado com as vereadoras negras eleitas, perseguições e ameaças, a gente vive hoje um cenário político muito complexo. É ameaçador para nós que somos militantes políticas além de tudo né! Vamos falar um pouquinho neste contexto, como naquele período uma mulher negra chega a ser deputada em SC?

Escritora Jeruse Romão– [...] então eu começo dizendo o seguinte: Desde a escola normal ela já era uma liderança do grêmio estudantil, ela presidiu o grêmio das normalistas com 18 anos de idade. Eu trago a Antonieta de Barros escrevendo aos 18 anos no normal, uma revistinha manuscrita. Ou seja, eu consigo ver nela, na escola normal, a dimensão da vida dela. Na escola normal ela quis ser ativista política, ela foi uma escritora jovem e até chegar em 1934 que foi a indicação dela, ela também já tinha sido a primeira mulher negra proprietária de uma escola particular muitíssimo renomada que educou uma parte da elite de Florianópolis, ela foi construindo uma relação dentro da cidade. Ela era muito referenciada no movimento católico e isso foi muito importante para a visibilidade e conteúdos morais. [...] Antonieta valorizava muito a educação, a vida dela toda foi na educação, inclusive na política, ela também foi presidente da Liga do magistério catarinense. Eu encontrei o texto da Antonieta dizendo o porquê de ter aceitado ser candidata. Ela não veio do nada, ela veio de uma casa onde os irmãos também atuavam na cidade no movimento sindical. o pai dela era músico, o irmão era tipógrafo uma categoria extremamente valorizada naquela época, o outro meio irmão foi da direção do clube 25 de dezembro, o segundo clube negro de Florianópolis. Veja bem eles estão nos cenários negros.

Disputar os espaços de poder é uma das pautas do movimento negro que entende a necessidade da representatividade para além das candidaturas isoladas e sem um programa político coletivo voltado para as questões raciais. A transformação social para uma sociedade mais justa passa por essa disputa que, infelizmente, é distorcida em muitos espaços de discussão, quando reduzida ao senso comum (“política não se discute”) inclusive nas escolas. O fracasso de muitas candidaturas negras é atribuído, muitas vezes, a essa ausência de politização nos diversos espaços educacionais. Nesse sentido, o programa Protagonistas Sem Fronteiras abre uma discussão que não é realizada amplamente em outros espaços. Sendo assim, a educomunicação “está presente onde práticas de comunicação se manifestam com consequências para a vida em sociedade: na família, na escola, na empresa e na própria vida” (SOARES, 2017, p. 206). Essas são algumas das reflexões provocadas por um programa que ultrapassou a biografia de Antonieta de Barros. Como afirma Soares (2017, p. 503),

A educomunicação demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação.

Com isso, é perceptível que as diversas etapas que constituíram esse processo dialógico, educacional e antirracista, ser viável avançar na construção de alternativas emancipatórias como da web rádio Santa Luzia e o Programa Protagonistas Sem Fronteiras. Servindo como referência principalmente no que diz respeito à desconstrução do racismo estrutural e à ampliação das práticas pedagógicas antirracistas nos espaços educacionais a partir da Lei 10.639/03 no ciberespaço.

Conclusão

Com isso, entendemos a prática comunicativa do programa Protagonistas Sem Fronteiras como uma ação educacional antirracista na web rádio Santa Luzia. Argumentação que se justifica a partir da busca constante por formação por parte da idealizadora do programa que resultou na qualificação do mesmo, demonstrando o significado da práxis nas ações investidas, essencial na apropriação e produção do conhecimento científico. O rompimento com o empirismo, aliado ao uso comunitário desse espaço educacional; a intencionalidade de educar a partir da mídia web rádio, que faz parte do ciberespaço; a escolha dos temas com foco nas relações étnico-raciais; a inversão da ordem

vigente na mídia tradicional, priorizando que a maioria das participantes sejam mulheres negras, setor que corresponde à base da pirâmide social brasileira; a interação dos ouvintes, majoritariamente constituídos por professoras negras; a participação ativa dos ouvintes na sugestão de pautas e a referência que se tornou o programa para o público negro e para ativistas não negros que atuam na luta antirracista, são elementos que dão luz a uma leitura crítica sobre o papel da mídia no cotidiano educacional formal, não formal e social de todos os envolvidos, numa perspectiva antirracista a partir do ciberespaço.

Ao abordar as práticas pedagógicas antirracistas, além de serem tão urgentes no cotidiano escolar, servem para a sociedade “acordar para os privilégios que certos grupos sociais têm, e praticar pequenos exercícios de percepção pode transformar situações de violência que antes do processo de conscientização não seriam questionadas”, como afirma (RIBEIRO, 2017, p. 510). Sendo assim, essa prática comunicativa antirracista corrobora com a desconstrução do racismo estrutural, naturalizado a partir do Mito da Democracia Racial. A dinâmica estabelecida no programa, a partir do diálogo entre a apresentadora e os convidados nesse espaço democrático, permite a valorização do protagonismo de cada participante com autenticidade. Ou seja, [...] “a cultura consiste em recriar e não em repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo” (FREIRE, 1997, p. 38). Os temas abordados refletem as angústias de uma realidade presente na vida dos professores e da população negra, essa abordagem ocorre num contexto crítico, propositivo e dinâmico propiciando um esperançar. No programa Protagonistas Sem Fronteiras, realiza-se uma pedagogia da diversidade que, conforme Gomes (2017, p. 136), “[...] tenciona a pedagogia tradicional que ainda ocupa um lugar hegemônico no campo científico, configurando-se em uma pedagogia da regulação”.

A pesquisa apontou que o racismo faz parte da estrutura da sociedade brasileira, estando presente nas instâncias de poder e nas diferentes instituições sociais que estamos inseridos, demonstrando o quanto é necessário trazer esse debate à tona com vistas à sua desconstrução. Conforme Almeida (2017, p. 16), “a tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”. O caminho é longo, no entanto, ações antirracistas estão sendo desenvolvidas principalmente pelos professores negros, alicerçados pelo movimento negro, como no caso do programa Protagonistas Sem Fronteiras. Essas iniciativas fortalecem a identidade

afro-brasileira e consolidam o sentimento de pertencimento da população negra que precisa dessa unidade diante de um desafio tão complexo.

O racismo estrutural é indissociável do debate antirracista que ocorre no programa e as práticas pedagógicas antirracistas correspondem ao caminho que seguiremos para a transformação social. Com isso, entendemos que a luta antirracista no Brasil é importante em diversos aspectos e a educomunicação antirracista é uma excelente aliada neste processo.

Nesse sentido, também podemos compreender o programa Protagonistas Sem Fronteiras como uma ação educacional antirracista, quando oportuniza o direito à voz numa perspectiva crítica, frente à realidade imposta à população negra como o silenciamento.

O programa tem como premissa a participação de professores negros que atuam pedagogicamente a partir da Lei 10.639/03. No entanto, com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação brasileira de 1996, não observamos em seus artigos um incentivo para os professores que colocam em prática a obrigatoriedade do ensino sobre história da África e cultura afro-brasileira. Isso não impulsiona ou motiva os educadores, fato que pode comprometer a aplicação da lei em determinadas situações, como por exemplo a ausência de educadores negros antirracistas nos espaços educacionais, sejam eles formais ou não formais. O Estado brasileiro, que é racista, não se empenha nas demandas da população negra e o racismo estrutural predomina mesmo quando as intenções são positivas por parte dessa superestrutura. Ou seja, após 20 anos de existência da Lei nº 10.639/03, é perceptível que a sua aplicação está ligada à boa vontade e iniciativa dos professores negros ou não negros engajados na luta. O resultado de todo esse processo recai também sobre a evasão escolar dos estudantes negros. Mas “o racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro tão grande?” (RIBEIRO, 2017, p. 7). No entanto, ao abordarem essas discussões no programa Protagonistas Sem Fronteiras, as participantes apontam a falta dessa pedagogia antirracista nos espaços educacionais, um dos fatores que levam os estudantes negros a não permanecerem na educação formal. Neste contexto, fica evidente que a luta antirracista é importante em toda a trajetória da vida escolar.

Com tudo, ainda afirmamos que ao final do processo de análise e resultados da pesquisa ficou evidente a necessidade da continuidade dos estudos sobre uma educomunicação que seja antirracista. Seja a partir da possibilidade de elaboração de um novo conceito, uma nova área de intervenção social ou prática pedagógica.

Referências

- ABERT. *O que é rádio ilegal?* Brasília, DF: Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, 5 out. 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3N1HQK8>. Acesso em: 24 out. 2021.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LOSSO, Claudia Regina Castellano; SARTORI, Ademilde. *Novas configurações da comunicação na sociedade mediada pelas TIC e os reflexos nos ecossistemas educativos*. In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 17., 2011, Aracaju. Anais... Aracaju: WIE, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/37xkBIM>. Acesso em: 24 out. 2021.
- RIBEIRO. Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983. (Coleção Tendências: v. 4).